

Santos Dumont Reencarnado

Marco Minskile

Foi o escritor *Mário Quintana* quem disse: “O maior chato é o chato perguntativo”. Acho que ele tinha razão, principalmente quando você está querendo ficar quieto, ouvindo suas músicas recostado na poltrona do ônibus na volta para casa depois de um dia exaustivo de trabalho.

Lembrei disso semana passada. Moro em Petrópolis, uma cidade pacata localizada a duas horas do Rio de Janeiro e umas três vezes por semana, desço a serra de ônibus para resolver assuntos profissionais no Centro da cidade.

No caso aqui, justiça seja feita, o chato a que vou me referir, era um sujeito bem educado, de fala mansa, revelando-se até um certo grau de polidez, considerando-se que aparentava ter seus sessenta e poucos anos, usava um terno cinza de cambraia, colete e uma incomum gravata borboleta.

Assim que se sentou ao meu lado perguntou: *Com licença, o senhor mora em Petrópolis?* Eu disse sim com a cabeça e esperei que ele continuasse, o que de fato fez: *O senhor conhece a Casa do Santos Dumont? Sim*, respondi complementando: *A Encantada..., é uma atração muito visitada na cidade.* Ele sorriu timidamente.

_Pois é, estou indo visitá-la, mas dizem que não devemos retornar aos lugares em que já fomos felizes. Olhei de soslaio e incomodado pela curiosidade perguntei: *Como assim, o senhor já morou em Petrópolis?* Enquanto desabotoava o colete, falou sem olhar para mim: *Eu já morei na Encantada.*

Nessa hora, eu que ajeitava meu fone de ouvidos, apoiei-o sobre meu colo e voltei a pensar no que o *Quintana* dizia: “Prefiro o chato discursivo ou narrativo, que se pode ouvir pensando noutra coisa.” Mas agora a coisa parecia ter se invertido. Eu é que estava curioso a ponto de não me conter, assumir o papel de um chato e perguntar: *O senhor disse que já morou na casa que foi de Santos Dumont?*

_Sim, de certa forma essa casa era minha. Fui eu que a planejei e desenhei, mas isso faz muito tempo. Tomara ela ainda esteja preservada tal como a deixei.

Pronto! Naquele momento vi que não se tratava de estar conversando com um sujeito chato, mas provavelmente, com um sujeito desses meios ruins da cabeça ou sabe-se lá o quê? Resolvi investir naquele papo, aproveitando que o ônibus estava agarrado no trânsito da sexta-feira. Tentei ser cauteloso, quase inocente na minha pergunta: *Em que época o senhor morou lá? Faz muito tempo?*

_Sei que pode parecer estranho eu te dizer isso, mas morei naquela casa por doze anos de 20 a 32. Comprei o terreno no morro do Encanto em 1918! Quem a construiu para mim foi o Pederneiras. Minha ideia era que servisse como uma casa de verão.

_Ah! o Pederneiras? perguntei retoricamente, confesso que um pouco nocauteado pelo que acabara de ouvir. Queria falar alguma coisa, mas na hora fiquei confuso e só lembrava do

Quintana dizendo sobre aquele chato “que se pode ouvir pensando noutra coisa”. Foi quando o vizinho de poltrona emendou: *Foi o Eduardo Pederneiras que a construiu para mim. Um ótimo engenheiro e arquiteto. Fez grandes obras aqui no Rio de Janeiro, ele tinha um escritório em Petrópolis, sujeito de valor.*

Um silêncio repentino se instalou entre os bancos. Um vazio na conversa que durou até a altura da rodovia Washington Luiz, um pouco antes da subida da serra. Eu tentava ouvir as músicas, mas não conseguia relaxar. Aquele sujeito quebrou a minha rotina. Fiquei curioso sobre se o meu par de viagem era um chato ou um maluco beleza. Incomodado com a dúvida resolvi contrariar meus princípios de evitar puxar conversa. Dessa vez fui eu que tomei a iniciativa. Arranhei a garganta e perguntei: *O senhor é de onde?*

_Sou de Minas Gerais, nasci em Palmira, mas agora se chama Santos Dumont. O Dumont nasceu numa fazenda lá da região.

_Que coincidência? Não é à toa que o senhor se identifica tanto com ele. Como o senhor se chama?

_Alberto.

Tentei não aparentar espanto e nem surpreso com a resposta. O cara podia ser um gozador: *O Santos Dumont também se chamava Alberto, não é?*

_Sim, meu nome é em homenagem a ele. Eu nasci em 56, justamente quando a Casa Encantada se tornou um museu.

Ele as vezes falava como se fosse o próprio *Santos Dumont*. Percebi que tinha que tentar uma outra abordagem, algo mais direto: *Me diga, o senhor por acaso é espírita?*

Ele respondeu de imediato: *Tenho poderes mediúnicos, mas não professo o espiritismo. Na realidade sou católico, pretendo até visitar a Catedral de Petrópolis amanhã. Sobre essa mediunidade, não sou eu quem digo. Grandes médiuns da minha terra já me disseram isso e me testaram com perguntas capciosas. São eles que me atribuem essa característica. Eu apenas sinto em algumas ocasiões que reencarno o Santos Dumont.*

O fato dele ter dito aquilo, abriu uma brecha para que eu destrinchasse aquele quebra-cabeças: seria ele um simples chato, gozador ou um desses doidos varridos que por vezes esbarramos nas ruas? Ou, vá lá! alguém que de fato reencarnasse *Santos Dumont*. Ou, quem sabe, ele não era nada de tudo aquilo? Já me sentia mais íntimo e estendi a conversa.

_O senhor disse a pouco que já morou na tal casa Encantada. O que estava querendo dizer com isso? Confesso que não entendi essa parte sobre já ter morado lá numa época em que ainda nem tinha nascido, isso me deixou confuso.

Ele olhou para mim e perguntou o meu nome. Eu disse. Então prosseguiu: *Meu caro Hélio. Você sabe as condições que o Dumont morreu? Em que ano foi? Sabe o que estava acontecendo aqui no Brasil naquela época?*

Pensei que era a hora de mostrar pra ele que eu não era um alienado. Ensaiei uma resposta:

_Já li alguma coisa a respeito, parece que ele estava deprimido com aquela história dos aviões jogando bombas durante a Revolução em São Paulo...parece que aquilo o contrariou a ponto de suicidar-se. Talvez estivesse muito angustiado em ver sua invenção usada para propósitos de guerra e não de diversão.

_Sim, foi na Revolução Constitucionalista de 32. De fato, houve o uso de aviões de ambos os lados para reconhecimento das linhas inimigas, lançamento de panfletos propagandistas dos revolucionários e até mesmo bombas sobre as fileiras dos legalistas do governo de Getúlio Vargas. Isso só tornou as coisas piores. Nessa ocasião Dumont já não andava com a saúde boa, tanto que mais de dez anos antes, em 1920, teve que voltar para a Europa para tratar-se do que depois se diagnosticou como sendo uma esclerose múltipla. Em 32, ainda não estava curado, sofria de depressão e aparentava estar bem mais envelhecido do que seus 59 anos.

A conversa seguia sinuosa como as curvas da serra. Já tinha desistido da minha hora de descanso e perguntei: *Quando foi que o senhor começou a ter esse tipo de pressentimento de ser, digamos, uma reencarnação do Santos Dumont?*

_A primeira vez que senti algo diferente, foi quando visitei a casa em que o Dumont nasceu lá em Cabangu, uma fazenda bem próxima a cidade. Foi logo que abriram a casa para visitaçãõ. Acho que em 1973, portanto, eu devia ter meus 16 ou 17 anos.

_O senhor ficou emocionado, imagino, ao ver a casa do filho ilustre da cidade...

_Aconteceu algo muito estranho durante aquela visita. Percebi enquanto visitava a casa que sabia ler em francês, logo eu que tinha dificuldades com idiomas. Li uma carta ou um cartão postal escrito em francês por ele de Paris e entendi tudo perfeitamente. Testei meu entendimento tentando traduzir textos de outros documentos expostos e para mim era como se tivesse lendo em português. Não sei explicar isso. Nunca tinha tido aulas de francês, nem na escola nem em curso qualquer.

_Isso é surpreendente. O senhor comentou esse fato com alguém na época? Ou foi coisa passageira, de momento?

_Eu fiquei tão surpreso quanto qualquer um ficaria. Procurei depois na biblioteca da escola um livro em francês e encontrei um de poesias. Li de cabo a rabo sem qualquer dificuldade.

_Incrível uma coisa dessas. E depois se interessou em aprender o idioma?

_Não foi preciso. Comecei a falar fluente o francês, para minha surpresa e de todos que me conheciam. Claro, ninguém acreditou nessa história de que eu nunca tinha estudado, nunca tinha tido um professor de francês. Achei melhor deixar de lado esses questionamentos e tocar a vida em frente.

O ônibus já se aproximava do Terminal do Bingen e eu sabia que nossa conversa havia chegado perto de acabar. Arrisquei ainda uma última pergunta: *O senhor ainda tem essas visões ou impressões de que o Santos Dumont possa reencarnar no senhor? Ou isso foi só naquela época quando você era mais jovem?*

_Acontece quando menos espero. Ocorre muitas situações em que essas coisas surgem, mas sempre no período pós-França. Sempre em situações vividas por ele aqui no Brasil, depois que ele voltou em definitivo para o Brasil.

Ouvi o ruído tradicional das pessoas se mexendo nas poltronas assim que o ônibus adentrou o pátio do Terminal Rodoviário. Meu carro me esperava no estacionamento. Tirei da carteira um cartão de visitas e dei a ele que o olhou com aparente interesse, agradeceu e guardou no bolso do colete. Perguntei se já tinha onde se hospedar na cidade e me respondeu que tinha reserva no Grande Hotel, perto do Museu Imperial. Disse que chegou a pensar em ficar no Hotel do Comércio, próximo à praça da Inconfidência, mas isso traria outras lembranças dos anos 20 que ele preferia esquecer. Ofereci uma carona, já que passaria em frente no caminho para minha casa e aceitou de bom grado.

No trajeto conversamos amenidades sobre a cidade e ele também me passou um cartão de visitas, o qual olhei de relance e preendi no quebra sol do carro. Em frente ao Hotel nos despedimos e brinquei: *Pronto. O senhor agora está em casa, ou pelo menos bem pertinho dela.* Ele olhou nas redondezas e afirmou categórico: *Sei que minha velha casa é aqui por perto, a cidade mudou muito, mas sei que não deve estar longe. Espero que eu encontre tudo em ordem como a deixei quando estive nela pela última vez.* Agradeceu, abriu a porta e saiu ajustando a gravata.

Antes de partir com o carro, peguei o cartão preso no quebra-sol, acendi a luz interna e dei uma espiada. Estava escrito: *Alberto de Paula Santos – Suboficial Especialista em Mecânica de Aeronaves (R/1).* Fui para casa pensando se ele teria me achado um cara chato.